

As relativas de grau no PB: uma leitura maximalizadora

*Wagner Luiz Ribeiro dos Santos**

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir, à luz da Gramática Gerativa, as orações relativas, analisando-as, de maneira inicial, a partir de sua partição em Relativas Existenciais e Relativas de Quantidade, que, a nosso ver, formam as chamadas relativas de grau. Essa classificação traz importantes diferenças semânticas para sua leitura, a leitura maximalizadora. Tendo como base Grosu & Landman (1998), Grosu (2002), Bianchi (2002), Szczegielniak (2012) e De Vries (2002), propomo-nos analisar as chamadas Relativas de Grau do Português Brasileiro, fazendo-o a partir de uma proposta de maximalização do DP-Alvo. De forma geral, entendemos que as orações relativas tomam como escopo o nome relativizado, apresentando uma leitura restritiva, em que o conjunto denotado pelo nome relativizado encontra, com a relativa, uma intersecção. No caso das relativas de grau, a leitura permitida é a de totalidade. Para apresentarmos essa ideia, introduzimos, inicialmente, as características das relativas que perfazem o grupo das relativas de grau, para, em seguida, apresentarmos um início de discussão acerca da maximalização.

Palavras-chave: Orações relativas, Interface sintático-semântica; Maximalização

Abstract

The objective of this squib is to discuss, from the viewpoint of Generative Grammar, relative clauses and, specifically, to propose that Existential Relatives and Quantity Relatives are to be classified as Degree Relatives. This classification is important for our understanding of maximalization. Building upon Grosu & Landman (1998), Grosu (2002), Bianchi (2002), Szczegielniak (2012) and De Vries (2002), we propose to analyze Degree Relatives in BP, beginning this analysis with a proposal regarding the maximalization of Target-DPs. We recognize that relative clauses generally take scope over the relativized head, yielding a restrictive reading in which the relative clause denotes the intersection of two sets: the set denoted by the relativized head and the set denoted by the remainder of the relative clause (i.e., the relative clause, minus the relativized head). In the case of Degree Relatives, the resulting reading is one of totality. In order to present this idea, we begin by presenting the characteristics of the two types of Degree Relatives, so that we may, in turn, discuss the notion of maximality.

Keywords: Relative clauses; Syntax-semantics Interface; Maximalization.

*Universidade de Brasília, UnB. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística, *e-mail*: wagner.linguistica@gmail.com.

As orações relativas são um fenômeno sintático-semântico extremamente interessante, tanto do ponto de vista de sua derivação, que vem dominando quase completamente os trabalhos atuais sobre o assunto, quanto do ponto de vista semântico, com classificações e leituras diferenciadas. Por ser, segundo Kenedy (2014), um fenômeno extremamente produtivo nas línguas naturais, as relativas garantem material de trabalho vasto tanto para sintaticistas quanto para semanticistas.

Segundo Bianchi (2002, p. 197), as relativas são sentenças que “funcionam como um modificador sintático complexo, que envolve a abstração sobre uma posição interna da cláusula, conectando-se a constituintes, e modificando-os”.

Kenedy (2003) apresenta a ideia de que, nessas orações, haveria duas classes ou conjuntos: a classe denotada por N (usualmente um NP ou um DP) e a classe denotada pela relativa. É possível perceber essa relação no exemplo (1), a seguir.

- (1) A [criança] [que a Maria adora]

O nome [criança] representa uma classe e a relativa denota outra classe [X que a Maria adora]. Logo, percebe-se que há um X tal que Maria adora X. O valor de X só é analisado quando ocorre a intersecção ou a coincidência dos conjuntos: Maria adora X e X = criança. Nesse caso, pode-se dizer, então, que há dois conjuntos envolvidos no processo: um que engloba *as crianças* e outro que engloba *aquela adorada por Maria*. A relação estabelecida entre esses dois conjuntos resultará em uma classificação semântica. Havendo coincidência entre os conjuntos, ou seja, se os conjuntos denotados forem exatamente os mesmos, há a classificação apositiva, enquanto, se houver diferenças e a citada intersecção, haverá a classificação restritiva. No caso da sentença em (1), há uma classificação restritiva.

Para Bianchi (2002), o principal critério para a classificação das relativas é a natureza da relação que se estabelece entre o NP-alvo e a oração. Segundo Grosu & Landman (doravante G&L) (1998), a classificação depende do local no qual se estabelece a interpretação semântica da relação: quando feita de forma externa ao CP, as relativas são classificadas como restritivas ou apositivas; por outro lado, quando interpretadas internamente ao CP, são classificadas como maximalizadoras.

A literatura acerca das Relativas reconhece que, dentre os subtipos desse tipo de oração, estão as chamadas Relativas de Quantidade (RdQ) e as Relativas Existenciais (REx), ambas com inúmeros trabalhos para análise das Relativas na língua inglesa e poucos trabalhos para a análise em português. A seguir, analisaremos as duas subcategorias, destacando suas principais características.

De forma geral, percebemos, até o presente momento, que os dois tipos de Relativas — as RdQ e as REx — compartilham uma série de características semânticas e sintáticas, apresentando, essencialmente, poucas diferenças. Tal fato nos leva a buscar uma análise unificada desses dois tipos de relativas, seguindo G&L (1998), sob o rótulo de Relativas de Grau, ou *Degree*. O que nos motiva, nesse caso, é a leitura de gradação que ambas permitem, mostrando que a totalidade do nome relativizado é o alvo do processo. A seguir, apresentamos as principais características das RdQ e das REx.

As Relativas de Quantidade, ou *Amount Relatives*, foram estudadas, primeiramente, por Carlson (1977) e discutidas de forma mais profunda, quanto ao seu comportamento semântico, por Heim (1987). Tais orações apresentam duas formas de conceituação. Para parte dos estudiosos, como Mória (2013) e McNally (2008), essas relativas têm, em sua predicação, um valor de quantidade com relação ao nome relativizado, ou seja, a relativa apresenta uma noção quantitativa/gradativa desse nome, como é possível perceber a partir dos exemplos abaixo.¹

- (2) Perdemos a batalha porque não tínhamos, nem de perto nem de longe, os soldados *que o inimigo tinha*.
- (3) Seria preciso vários dias para beber o champanhe *que eles derramaram naquela noite*.

Para outros estudiosos desse fenômeno, as Relativas de Quantidade têm uma dupla identificação em sua leitura: a quantidade envolvida e a substância do nome relativizado. Nos exemplos (2) e (3), para Mória (2013) e McNally (2008), interessa-nos, somente, a leitura da quantidade de soldados (2) e de champanhe (3), envolvida no processo de relativização, visto que “a predicação relevante nestas frases não envolve os indivíduos ou as substâncias específicas mencionadas, mas, antes, as quantidades dessas entidades” (MÓIA, 2014, p. 473). Já para G&L (1998) e Heim (1987), a interpretação das mesmas orações envolveria não somente o valor quantitativo do nome relativizado, mas também sua identidade. Para esses últimos autores, a interpretação da oração depende de fato de serem soldados (2) e champanhe (3). O exemplo (4), a seguir (CARLSON, 1977, p. 528), comporta-se como uma Relativa de Quantidade típica, na visão de Mória (2013) e McNally (2008).

- (4) Marv put everything he could in his pocket
 Marv colocou tudo ele pôde em seu bolso
 ‘Marv colocou tudo aquilo que pôde em seu bolso’

¹Exemplos de McNally (2008 apud Mória, 2013, p. 473).

A leitura de quantidade, independentemente da substância envolvida no nome relativizado [tudo aquilo], ocorre, em (4), porque Marv colocou em seu bolso todas as coisas que ali (“em seu bolso”) cabiam, independente da natureza dessas coisas. Nesse caso, é possível perceber que a entidade envolvida no nome relativizado não está declarada, formando uma relativa que apresenta características exclusivamente quantitativas em sua relação com o nome relativizado.

Nessa esteira, segundo Carlson (1977), as relativas de quantidade têm duas características sintáticas próprias que não são compartilhadas pelas outras subcategorias das relativas, a saber: (i) a utilização exclusiva de determinantes definidos/universais em suas construções com o nome relativizado, como nos mostram os exemplos (5) e (6), retirados de McNally (2008); e (ii) o fato de algumas relativas de quantidade não aceitarem ser realizadas, em algumas variantes inglês, com os relativos *which* e *who*, por exemplo, sempre preferindo a realização com *that*.² Essa particularidade será aproveitada por G&L na construção de sua argumentação com relação à leitura de grau unificada, uma vez que as *Degree* também rejeitam construção com os dois pronomes: *which* e *who*. Vale ressaltar que, para o português, não há diferença de uso de pronomes relativos, preferindo-se, a realização do pronome *que*, sendo o pronome *quem* (*who*) também proibido nesse tipo de construção.

- (5) Max put many things that he could in his pocket
Max colocou muitas coisas que ele pôde em seu bolso
'Max colocou muitas coisas que pôde em seu bolso'
- (6) It would take days to drink some champagne they spilled that evening
EXP iria levar dias beber algum champagne eles derramaram aquela noite
'Levaríamos dias para beber um pouco do champanhe que eles desperdiçaram naquela noite'

Em (5), percebe-se que não seria possível a realização sem o determinante, como demonstrado em (7), o mesmo acontecendo com o exemplo (6), que, sem o acréscimo do determinante, mostra-se agramatical, como demonstrado em (8):

- (7) *Max coloca coisas que conseguiu em seu bolso.
- (8) *Levaríamos dias para beber champanhe que eles desperdiçaram naquela noite.

As relativas existenciais, por sua vez, são aquelas que apresentam verbos que denotam existência, como o próprio nome propõe. São as chamadas, por Carlson (1977) e Heim (1987), relativas com *there*

²Os exemplos (5) e (6) são originais de Carlson (1977, p. 528). Na glosa do exemplo (6), EXP = expletivo.

insertion, com a variação de inserção do *there be*, ou seja, aquelas em que se acresce o verbo *have* (em tradução para o português). Segundo esses autores, no inglês, esse tipo de oração rejeita a derivação com o pronome *which*, ocorrendo, somente, com o pronome *that*. São orações que também denotam quantidade, com a diferença, para as RdQ, de apresentarem identificação da substância envolvida no processo de relativização. Necessariamente, nesse caso, leva-se em conta a quantidade envolvida, bem como sua natureza, sua substância.

No caso do português, há variação quanto ao uso do verbo encontrado nas existenciais, visto que há três principais verbos que concorrem, no português brasileiro, quando a semântica é existencial: *have*, usado em contextos cada vez mais restritos; *ter*, usado de forma mais corriqueira; e *estar*, em determinados contextos. É o que ocorre em (9) e (10).³

(9) O estudante derramou a água que tinha/havia/estava na garrafa.

(10) Eu trouxe comigo os livros que tinha/havia/estavam sobre a mesa.

Segundo G&L (1998), seguindo Carlson (1977), orações existenciais apresentam características semelhantes às RdQ. Elas também ocorrem com derivação que envolva nomes determinados e, como as de quantidade, aceitam a inserção de quantificadores universais, como é possível observar a seguir.

(11) Eu trouxe comigo *todos/os* livros que *havia* sobre a mesa.

(12) Eu trouxe comigo livros que *havia* sobre a mesa.

Em (11), temos uma leitura diferente da encontrada em (12). Na primeira, há uma leitura de quantificação máxima, enquanto, na segunda, uma leitura de referencialidade, importante distinção para as relativas de grau, que, como visto anteriormente, podem ocorrer com o quantificador universal *todos*.

As orações relativas são classificadas, tradicionalmente, em duas formas distintas: as relativas restritivas e as relativas apositivas/explicativas. Na visão de Bianchi (2002, p. 197), a restritiva “é interpretada como um modificador intermediário entre o NP-alvo e a oração, possibilitando a restrição”. Em outras palavras, haveria dois conjuntos distintos: um representado pelo NP-alvo e outro pela relativa. A intersecção entre eles determinaria a classificação como restritiva, como se pode notar em (13).

(13) A professora conversou com os colegas que não se saíram bem nas avaliações dos alunos.

³O exemplo (10) é uma tradução livre do exemplo retirado de Grosu & Landman (2008, p. 128).

Em (13), a restrição seria interpretada como: do conjunto de colegas possíveis, há somente alguns colegas procurados pela professora para conversar — aqueles que não se saíram bem nas avaliações dos alunos —, fato que restringiria o NP-alvo da relativização. A restrição seria causada pela noção de que há, entre os dois conjuntos, uma intersecção. Percebe-se, então, que a compreensão da sentença depende da análise tanto do NP-Alvo quanto da informação trazida pela relativa.

A relativa apositiva, por sua vez, “modifica todo o NP-alvo, não contribuindo para a restrição” (BIANCHI, 2002, p. 197). Nesse caso, há uma coincidência entre os dois conjuntos: o conjunto todo do NP-alvo é relativizado, pela mesma totalidade encontrada na relativa, como em (14). A noção de igualdade, em português, é trazida pela utilização de vírgulas, que representam uma pausa na entonação da leitura da relativa.

(14) A professora conversou com os colegas, que não se saíram bem nas avaliações dos alunos.

Em (14), os conjuntos denotados, tanto pelo DP-alvo [os colegas] quanto pela relativa [que não se saíram bem nas avaliações dos alunos], seriam os mesmos, ou seja, o conjunto de colegas é exatamente igual ao dos que não se saíram bem nas avaliações. Discursivamente, compreendem-se os dois conjuntos como iguais. Para G&L (1998), haveria, aí, uma relação anafórica, visto que a relativa é correferencial ao NP-Alvo.

Segundo G&L (1998), há um terceiro tipo de classificação das orações relativas, as chamadas, pelos autores, *relativas maximalizadoras*. Tal classificação entraria em concorrência com a classificação restritiva que normalmente é atribuída às relativas de grau, visto que há, na visão da literatura tradicional, uma intersecção entre os conjuntos, como discutido anteriormente.

Segundo G&L (1998), as relativas maximalizadoras são assim classificadas em razão da semântica do determinante externo, do tipo do operador relativo (elemento-QU) e da posição relativizada. Tais orações transmitiriam uma relação de gradação do constituinte que está sendo relativizado e identificariam a quantidade envolvida, bem como sua substância. É possível perceber, entretanto, que as REx e as RdQ, apesar de apresentarem, segundo Mória (2013) e McNally (2008), diferenças quanto à referencialidade de quantidade e substância, apresentam leitura de gradação dos nomes relativizados, podendo, ambas, ser classificadas como *relativas de grau*, como é possível perceber nos exemplos a seguir.

(15) O aluno derramou a água *que havia/tinha/estava na garrafa do professor*.

(16) Eu li os livros *que havia/tinham/estavam sobre a mesa da sala*.

(17) Ficamos surpresos com os visitantes *que o museu recebeu no último mês*.⁴

As relativas em destaque nos exemplos (15), (16) e (17) referem-se à quantidade dos nomes relativizados, dando-lhes leitura de *maximalização*, visto que, nesses exemplos, não se quer destacar, no universo do discurso, um subconjunto compartilhado entre relativa e o nome relativizado. Em (15), por exemplo, não é possível a interpretação de que, “do universo de água existente, aquela que foi derramada era a que estava na garrafa do professor”, mas sim que toda a água que estava na garrafa foi derramada, ligando-se, então, à ideia de gradação.

Para G&L (1998) e Szczegielniak (2013), o núcleo nominal relativizado seria interpretado dentro da própria sentença relativa, de onde teria sido alçado o DegP que o contém, não realizado foneticamente, pois há uma determinada variável que determina ou aponta a gradação do núcleo externo à relativa, forçando-a à maximalização. Esse DegP seria a expressão [*d many X*], encontrada no interior da relativa de grau e que, de sua posição de base — variável quanto à construção relativa de sujeito ou de objeto —, seria alçado para Spec-CP, a fim de ser relativizado. Segundo G&L (1998, p. 129), em (16), “(a expressão *d many livros*) é interna ao CP, sendo *d* o conjunto de todas as gradações (*d*) tal que existe uma soma (quantidade) de *d many livros* em cima da mesa”.

Na visão dos autores, algumas formas relativas apresentariam a relação de gradação quando em contato com determinados NPs-Alvo. Seriam algumas delas as que determinam quantidade, substância, eventos. G&L (1998) reconhecem que as relativas de grau apresentam-se como maximalizadoras por não destacarem, no discurso, restrição de um conjunto mais amplo, mas por apresentarem a noção de que TODOS os elementos com os quais se relacionam são relativizados. Assim, da ideia de quantidade e conteúdo juntos, surge a classificação em maximalizadoras, como percebido em (18), a seguir.

(18) Eu trouxe comigo os três livros que havia *ec* ali na mesa.⁵

A presente pesquisa busca apresentar uma visão unificada entre as RdQ e as REx. Nossa proposta é a de que a interpretação dessas duas classes se dá de maneira similar, perfazendo um conjunto de relativas denominadas *Relativas de Grau* (do inglês, *Degree Relatives*), seguindo a postulação de Grosu & Landman (1998), para as relativas *Degree* do inglês. Entendemos, então, que a interpretação similar

⁴Adaptado de Mória (2013, p. 479).

⁵Exemplo de G&L (1998, p. 129).

dessas relativas permite uma formalização unificada, com diferenças que contribuem para leituras diferentes, mas sem alterar significativamente sua análise sintática.

Três problemas surgem para a discussão da unificação das RdQ e das REx como relativas de grau: a variação dos verbos existenciais em português, não discutido, aqui, pela brevidade do *squib* (refiro-me à concorrência entre os verbos haver/estar/ter como existenciais); a possibilidade de leitura maximalizadora em relativas que apresentam nomes relativizados sem artigos definidos; e, por fim, a natureza do nome relativizado, entre nomes contáveis e não contáveis. Tais problemas estão sendo discutidos e a pesquisa para a tentativa de resolução permanece em andamento.⁶

Além da proposta de unificação de leitura que buscaremos apresentar, ainda resta a necessidade de uma formalização para a derivação desse tipo de relativa, buscando entender como, na construção dessas relações semânticas indicadas anteriormente, age a sintaxe das línguas, especialmente, a sintaxe do português. Esses são desafios a serem vencidos no decorrer da pesquisa.

Referências bibliográficas

- BIANCHI, V. Headed relative clauses in generative syntax — Part I. *Glott International*, v. 6, n. 7, p. 197-204, September 2002.
- CARLSON, G. Amount relatives. *Language*, n. 53, p. 520-542, 1977.
- DE VRIES, M. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: Lot, 2002.
- GROU, A. & LANDMAN, F. Strange relatives of the third kind. *Natural Language Semantics*, v.6, p. 125-170, 1998.
- HEIM, I. Where does the definiteness restriction apply? Evidence from the definiteness of variables. In: REULAND, E. & TER MEULEN, A. G. B. (Eds.) *The representation of (in)definiteness* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1987, p. 21-42.
- KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- KENEDY, E. Estruturas Sintáticas de Orações Relativas. In: BISPO, E. B. & DE OLIVEIRA, M. R. (Orgs.) *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- McNALLY, L. DP-Internal only, amount relatives, and relatives out of existentials. *Linguistic Inquiry*, v. 39, n. 1, p. 161-169, 2008. Disponível em: <http://www.upf.edu/pdi/louise-mcnally/_pdf/publications/McNally_amtrels.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2015.
- SZCZEGIELNIAK, A. Degree phrase raising in relative clauses. In: Camacho-Taboada, Victoria, Ángel L. Jiménez-Fernández, Javier Martín-González and Mariano Reyes-Tejedor (Eds.) *Information Structure and Agreement*, vi, 376, 2013, p. 255-274.

Squib recebido no dia 14 de junho de 2015.

Squib aprovado para publicação no dia 06 de agosto de 2015.

⁶Problemas apontados durante a apresentação deste trabalho na 3ª edição do Tardes Gerativas (Lefog/UnB).